

A INDISCIPLINA DO CINEMA NO CURRÍCULO ESCOLAR NA VISÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL

*THE INDISCIPLINE OF THE CINEMA IN THE SCHOOL CURRICULUM
IN THE VIEW OF EARLY EDUCATION TEACHERS*

Ludmila Rodrigues Rosa^I 

Sandro Rogério Vargas Ustra^{II} 

^I Universidade Federal de
Uberlândia, Uberlândia, MG,
Brasil. Doutora em Educação.
E-mail: ludyrr@yahoo.com.br

^{II} Universidade Federal de
Uberlândia, Uberlândia, MG,
Brasil. Doutor em Educação.
E-mail: srvustra@ufu.br

Resumo: O presente artigo contempla uma reflexão sobre o cinema como indisciplina no currículo escolar, independentemente do nível de ensino em que se faz presente, na perspectiva de superar a fragmentação dos conteúdos. Trata-se de um recorte de resultados de uma tese de doutoramento que abordou o cinema na transformação docente. Buscando subsídios para o diálogo e a reflexão sobre as práticas escolares, tomou-se como inspiração metodológica a abordagem qualitativa, a qual possibilitou encontrar formas de representar a realidade, as técnicas da observação e entrevistas, para conhecer como o cinema é utilizado nas salas de aula. As observações foram realizadas em onze salas de aula (turmas) e as entrevistas com doze docentes, três supervisores escolares, um educador infantil e um diretor, que atuavam em duas escolas municipais de Educação Infantil de Uberlândia/MG. Também houve apoio na pesquisa bibliográfica, que permitiu ampliar os saberes a partir de conhecimentos produzidos e sistematizados. Para tanto, foi necessário compreender as potencialidades do cinema na constituição humana, não se restringindo às instituições escolares. Compreendeu-se uma ênfase na utilização como recurso nas práticas pedagógicas, porém sua contribuição vai muito além, enquanto arte, cultura, magia, prazer, encanto, uma linguagem riquíssima de criatividade e expressão, permitindo um acesso mais consciente à interioridade e à própria aprendizagem, provocando, inquietando e movimentando seu espectador/apreciador. Nesse sentido, a relevância desta reflexão centra-se no (re)pensar sobre as possibilidades do cinema na escola como indisciplina, na construção de saberes e na formação humana.

Palavras-chave: Cinema. Currículo Escolar. Indisciplina.

Abstract: This paper brings a reflection on cinema as an indiscipline in the school curriculum, regardless of the level of education, with a view to overcoming the fragmentation of content. It is an excerpt of a doctoral thesis that approached cinema in the transformation of teaching. The qualitative approach was taken as a methodological work. It was possible to find ways to represent reality, the techniques of observation and interviews, to learn how cinema is used in



DOI: <https://doi.org/10.31512/vivencias.v17i34.531>

Submissão: 28-05-2021

Aceite: 14-07-2021



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

classrooms based on the teachers' speeches. The observations were carried out in eleven classrooms (classes) and interviews with twelve teachers, three school supervisors, one childhood educator and one schoolmaster, who worked in two municipal schools of Kindergarten in Uberlândia/MG. The bibliographic research allowed for the expansion of knowledge based on produced and systematized knowledge. Therefore, it was necessary to learn about the potential of cinema in the human constitution, not being restricted to school institutions. The results showed an emphasis of the cinema as a resource in pedagogical practices, although its contribution goes far beyond, as art, culture, magic, pleasure, charm, an extraordinarily rich language of creativity and expression. It also allows a more conscious access to our own learning, provoking, disturbing and moving the spectator / appreciator. In this sense, the relevance of this reflection is centered on (re) thinking about the possibilities of cinema at school as indiscipline, in the construction of knowledge and human formation.

Keywords: Cinema. School Curriculum. Indiscipline.

Introdução

Este artigo contempla uma reflexão sobre o cinema na escola enquanto indisciplina no currículo, não se restringindo a nenhum nível de ensino, na perspectiva de extrapolar a fragmentação dos conteúdos. Nesse sentido, destacamos seu lugar nos cenários escolares enquanto recurso didático, vislumbrando que ele pode extrapolar essa função, compondo outros caminhos na formação e no imaginário do aluno, pois representa possibilidades mais amplas na construção de saberes e sujeitos.

Procuramos elucidar algumas cenas das aproximações entre o cinema e a educação, na tentativa de provocar outras inspirações e produções sobre o tema, abrindo brechas para novas experiências e aprendizados, outras reflexões, conexões, pensamentos, criações, sentidos, discussões, emoções e modificações.

Desafiamo-nos em escrever sobre a indisciplina do cinema no currículo escolar por partilhar a ideia de que se trata de arte e cultura, sendo um potencializador de diálogos com diferentes e diversos contextos, como por exemplo, a escola, que é um espaço social de construção e mediação de conhecimentos.

O cinema permite a ampliação do repertório de mundo e, de igual modo, ele tem tudo a ver com o ambiente escolar, porque quem vive a escola sabe que ela é viva, potente, criativa e irreverente, pois diante de conhecimentos por vezes massificados, reinventa possibilidades de atuação pelas pessoas que a constituem. O cinema vem ao encontro disso, trazendo a arte de viver e sonhar.

O cinema enquanto indisciplina

A linguagem cinematográfica é considerada recente e suas potencialidades ainda estão sendo pesquisadas. Ela facilmente foi aceita nas instituições escolares, conquistando e despertando o interesse dos alunos, possibilitando muitas aquisições e aprendizagens tanto pessoais, quanto sobre o outro e o mundo.

O cinema no contexto da mídia-educação pode ser entendido a partir de diversas dimensões estéticas, cognitivas, sociais e psicológicas inter-relacionadas com o caráter instrumental, educar com e para o cinema, e com o caráter de objeto temático, educar sobre o cinema. Ou seja, a educação pode abordar o cinema como instrumento, objeto de conhecimento, meio de comunicação e meio de expressão de pensamento e sentimentos (FANTIN, 2007, p. 1).

Na educação, o cinema pode ser compreendido como um componente de conhecimentos, como um meio possível de ampliar conhecimentos. Dessa forma, o cinema passa a atuar para além de um recurso pedagógico, devido à sua diversidade e riqueza de elementos, colaborando, assim, para a formação plena do aluno.

Nesse sentido, Fantin (2006) comenta que é preciso:

(...) entender a potencialidade do cinema como instituição, dispositivo e linguagem, ampliar repertórios culturais, desencadear novas sensibilidades e fazer audiovisual na escola, implica uma forma de conhecimento, de expressão e de comunicação capaz de aproximar educação, comunicação, arte e cultura através de um processo coletivo e intencional (FANTIN, 2006, p. 317).

Por isso, torna-se importante compreender o cinema como uma entidade, mecanismo e linguagem, bem como elemento de representação com seus aparatos e funções que sistematizam espaços e tempos que podem ser construídos com a especificidade de sua forma de linguagem.

A produção cinematográfica é mencionada por Xavier (2008, p. 14) como “discurso composto de imagens e sons e é, a rigor, sempre ficcional, em qualquer de suas modalidades; sempre um fato de linguagem, um discurso produzido e controlado, de diferentes formas, por uma fonte produtora”.

Portanto, o cinema é produzido intencionalmente para agradar determinados públicos, uma obra que possui variadas composições e que contempla uma linguagem própria que pode seduzir e encantar. Mesmo sendo uma produção complexa, a consideramos incompleta, pois cada pessoa que a assiste a interpreta de uma maneira.

Dessa forma, quando nos permitimos vivenciar a linguagem audiovisual, somos imersos na manifestação cultural, e assim começamos a experienciar as situações expostas nos filmes, nos envolvendo nos acontecimentos e nos colocando em contato direto com esse universo. Existe um espectador ativo presente em todos nós, que assiste a um filme e se seduz ou que começa a olhar ao seu redor de outra forma.

Migliorin (2015, p. 164) comenta que cinema é arte e arte é emancipação, é “ser capaz, em uma determinada situação, de conhecer, agir e usufruir dos sentidos humanos e das potências

da comunidade. Ser capaz de agir e fazer diferença na comunidade, mas também de ser afetado sensivelmente pelo que a comunidade inventa”.

Nesse viés, a produção cinematográfica nos faz refletir sobre o que já sabemos e leva a construir novos conhecimentos. O cinema é forma de ver, sentir e experimentar o que se tem e o que é pensado e produzido por outros caminhos, ampliando nosso repertório intelectual, social e também cultural.

Cinema é arte e enquanto tal, nos permite inúmeras leituras e interpretações. Além disso, convida à reflexão e à sensibilidade. O espectador é aquele que se encanta com a criação de sentido das mensagens e com todos os outros sentidos que não foram instituídos. Assistir a um filme é conhecer e pensar sobre o mundo e a vida.

Migliorin (2015, p. 122) sintetiza o que acreditamos sobre cinema e escola: o cinema “atravessa a educação refazendo laços de pertencimento ao universo do aprendizado e do desejo, entre alunos e professores, permitindo uma produção coletiva e um engajamento no presente”, sendo considerado amplo e múltiplo.

Nesse sentido, argumenta que o cinema:

(...) não pede nada, apenas se aconchega nas capacidades sensíveis dos sujeitos comuns. O cinema não se encontra na escola para ensinar algo a quem não sabe, mas para inventar espaços de compartilhamento e invenção coletiva, colocando diversas idades e vivências diante das potências sensíveis de um filme (MIGLIORIN, 2015, p. 193).

Concordamos com Migliorin (2015, p. 87) quando afirma que o cinema não tem “somente a possibilidade de narrar e produzir sentido, mas de deixar buracos e excessos onde o sentido não está completamente organizado”. O espectador entende o filme conforme sua visão, pois a interpretação e o sentido são individuais, mesmo estando no coletivo.

Quem assiste a um filme, compreende-o e o amplia de acordo com sua história, suas relações sociais e culturais, produzindo marcas que podem ser bastante significativas. Como Migliorin (2015, p. 34) argumenta, “os filmes estão sempre misturados a diversas formas de expressão e de diálogo com os espectadores”. Sua presença em contextos educativos contempla experiências que admitem às pessoas se autoconhecerem e conhecerem umas às outras.

Esse movimento entre os filmes e o despertar de emoções e da criatividade aguça a curiosidade, podendo levar os educandos a construir novos pensamentos e possibilidades de relacionar a realidade e o imaginário. Essa relação desperta habilidades cognitivas fundamentais para o desenvolvimento da aprendizagem, gerando acomodações (na perspectiva piagetiana) e crescimento.

A humanização torna-se um processo inseparável entre a aquisição da experiência humana e a produção cultural, ou seja, a sua objetivação através das elaborações referenciadas por meio da identidade cultural de um povo.

Ver filmes e imagens não é acumular, mas estar com o filme, vê-lo e revê-lo, mas, para isso é preciso tempo. É preciso dar tempo ao conhecimento. É preciso ter tempo para a experiência. Por vezes não são os filmes que estão amarrados ao clichê e perderam o mundo, mas nossa própria impossibilidade de nos autorizar o ritmo do outro, como se

os ritmos do mundo fossem únicos, prontos para neles entrarmos sem esforço ou crítica (MIGLIORIN, 2015, p. 146).

O cinema “instaura uma discontinuidade entre obra e fruição. Seu poder reside justamente em um buraco, em uma fenda entre os filmes e seus efeitos. Não há passagem ideal entre o que um filme quer dizer e a experiência que se faz com esse filme” (MIGLIORIN, 2015, p. 37). É uma criação e como tal, sua interpretação também gera uma relação imprevisível entre o filme e o espectador.

O relacionamento entre o indivíduo e o audiovisual depende da experiência de vida, da cultura, do conhecimento, da experiência pessoal, da leitura, dentre outros elementos do indivíduo. Além disso, a forma como o narrador comunica com o espectador faz com que este chegue a diferentes conclusões sobre a narrativa. No contexto da escola o aluno pode compartilhar suas impressões e transcender sua bagagem cultural.

É fundamental questionar o filme, não o aceitando como uma obra pronta e acabada, mas como obra de múltiplas intenções e interpretações. Como afirma Migliorin (2015, p. 38), é preciso “acreditar sem deixar de duvidar, duvidar sem deixar de acreditar; no silêncio e no escuro, o lugar do espectador no cinema certamente tem enormemente a nos ensinar”. O cinema nos causa incômodos, novas formas de ver, sentir, pensar e agir a realidade que nos cerca.

Expandir o repertório cinematográfico dos alunos implica em garantir acesso a uma gama de assuntos, possibilitando as mais diversas experiências. Estimular novas formas de sentir pode caracterizar um valor, mediante a integração com o cinema de maneira coletiva assegurando novos caminhos no modo de sentir o mundo, o outro e a nós mesmos.

Educar para o cinema e educar com o cinema são dois pressupostos da educação cinematográfica. Isso implica entender o cinema na escola como instrumento através do qual se faz educação e como objeto temático de intervenção educativa através da leitura, da interpretação, da análise da produção de audiovisuais (FANTIN, 2007, p. 4).

Nessa lógica, é fundamental a reflexão sobre a mídia-educação, com a necessidade de um olhar que explore o educar com/através do cinema buscando entender que ele vai além de um dispositivo que ensina conteúdos escolares. O cinema pode colaborar na construção de novas maneiras de ver e entender o mundo.

As escolas costumam ser caracterizadas pelas organizações rígidas dos conhecimentos, por disciplinas, e o cinema vem romper essa fragmentação, ele pode se relacionar com os conteúdos, porém ultrapassa os assuntos e os enquadramentos, sendo considerado uma obra única e diversa, transdisciplinar.

Cristiano Barbosa (2017) menciona que é frequente a utilização do cinema/de filmes nas instituições escolares e que é, predominantemente, pensado como uma ilustração da realidade.

É comum entre os professores utilizar um filme como ferramenta pedagógica na busca por tornar os conteúdos e as aulas mais interessantes para os alunos. Parte-se, também, da ideia de que as visualidades dadas pelas imagens em movimento são um forte elemento de apreensão desses conteúdos; ou seja, o que acontece no filme, as situações trazidas por ele, são mais facilmente memorizadas, como também permitem ao professor fazer associações entre o que se pretende ensinar e o que as imagens apresentam. Nesse sentido, as imagens dos filmes são tomadas, sobretudo, como ilustração verdadeira e realista do

que se deseja ensinar, um exemplo de como, na prática, o conteúdo se materializa, torna-se visível, fazendo do processo de aprendizagem algo mais claro e objetivo no tocante à apreensão e memorização dos conteúdos (BARBOSA, 2017, p. 14-15).

Por isso, quando é exibido um filme na escola ele é aceito sem muitas prerrogativas, por ser entendido como ilustração de conteúdos no qual os alunos possam ver, ouvir e debater. Mas, entendemos que cinema transcende essa visão simplista do senso comum, ampliando possibilidades de vivências, na relação com o que veem e sentem.

Como argumenta Oliveira Júnior (2016, p. 163) essas vivências permitem “a escola como campo de experiências mais vastas que atravessam os corpos humanos que por ali circulam e que poderiam transpassar as disciplinas escolares com um pouco mais de vida indisciplinada, que é a vida comum, cotidiana”.

Assim, são promovidas atitudes docentes sensíveis e reflexivas, aprendizes com os olhares de seus alunos, pois “a criança é portadora de um olhar livre, indisciplinado, quiçá inocente; quiçá selvagem; portadora de um olhar que ainda é capaz de surpreender aos olhos” (TEIXEIRA; LARROSA; LOPES, 2006, p. 16) e, assim, apreciar os filmes, sem pretensão, sem conclusões e barreiras.

A transcendência ao entorno imediato pretendida através dos filmes, o movimento de sair das disciplinas de formação docente definindo de fato áreas de formação humana na escola, o reconhecimento da vida cotidiana sob perspectivas mais abertas, a liberdade da infância que surpreende os mais experientes, são características centrais dessas vivências proporcionadas na Educação Infantil que destacamos neste recorte.

Características imanentes ao conceito de indisciplinaridade, destacado por Chassot (2016), quando ressalta seu significado interpretando as ações contidas no prefixo “in”, quais sejam: de incluir a partir da própria disciplina, “metendo-se” em outras disciplinas/áreas; incorporando conhecimentos e fazeres de outras disciplinas/áreas; e também negando a disciplina (numa compreensão etimológica do termo), numa postura “mais radical ou inovadora: trata-se de rebelar-nos à coerção feita pelas disciplinas que, como um látigo, vergastam-nos a submissão” (CHASSOT, 2016, p. 184).

Compondo cenários escolares

A partir de observações e entrevistas realizadas entre 2017-2021 para o desenvolvimento da tese intitulada “As experiências com o cinema na transformação docente” em duas escolas públicas de Educação Infantil da cidade de Uberlândia/Minas Gerais, conseguimos conhecer como o cinema, especialmente pela exibição de filmes, comparecia em sala de aula e caracterizar os discursos dos profissionais referentes à sua presença nas práticas pedagógicas.

Essas observações foram realizadas em onze salas de aula (turmas) e as entrevistas com doze docentes, três supervisores escolares, um educador infantil e um diretor, que atuavam nas duas escolas municipais de Educação Infantil de Uberlândia.

Através das cenas evidenciadas nas escolas pesquisadas, a pesquisa se tornou colaborativa, quando foi formado um grupo de estudos composto por onze educadoras conectadas com interesses de serem profissionais melhores, procurando entender como a produção cinematográfica pode sensibilizar, afetar e mobilizar pessoas. Naquele coletivo de professores vivenciamos momentos, tanto pessoais quanto profissionais, leituras de textos e experiências com os filmes.

Nessa pesquisa de campo, percebemos que, em muitas ocasiões, o cinema foi utilizado como um recurso pedagógico capaz de promover a ampliação do universo de atuação do docente, auxiliando-o na didatização de determinados conteúdos, temas. Em outras palavras, o cinema em sala de aula era empregado como ferramenta auxiliadora das práticas pedagógicas, como um instrumento capaz de contribuir de forma mais significativa, dinâmica e contextualizada para a aprendizagem dos alunos, o que pode ser evidenciado pelas observações¹ a seguir:

Nesse dia a professora fez interferências durante o filme, que falava sobre a Primavera e me pareceu que esse tema estava sendo trabalhado, os alunos manifestaram conhecer o assunto.

Professora: – Primavera, o que caracteriza essa estação?

Alunos: – Cores, flores, roupas.

Professora: – O que identificaram, nas imagens do filme, que caracterizam a primavera?

Alguns alunos: – As flores coloridas, o sol, as roupas que a Moranguinho estava usando que era florida e cheio de morangos. (Observação, Mera, 17/10/2018).

Depois da exibição do filme a professora falou sobre a diversidade das famílias e perguntou às crianças o que elas acharam do vídeo. Em seguida, solicitou para que cada uma delas desenhasse sua família, com as características individuais. (Observação, Moana, 12/11/2018).

Após o vídeo direcionado Bob e o Trem: Aventuras com formas geométricas, a professora passou outra animação curta sobre formas geométricas. Essa exibição foi de aproximadamente 1h e 40min. Depois, fez roda de conversa sobre os vídeos, um bate papo sobre o que os alunos acharam. Por fim, desenhou as formas geométricas básicas no quadro para os alunos identificarem. (Observação, Feiticeira, 29/10/2018).

Depois da exibição da animação a professora fez uma roda de conversa sobre as formas geométricas que apareceram no vídeo. Em seguida, pediu para os alunos observarem e identificarem na sala de aula os objetos que tinham as formas geométricas trabalhadas, como a mesa quadrada, quadro retângulo, apontador em formato de círculo, dentre outros. (Observação, Feiticeira, 05/11/2018).

Do mesmo modo, percebemos a estreita ligação com os conteúdos escolares, partindo de indagações a respeito de como os professores envolvidos na pesquisa procediam em relação à escolha e seleção desses filmes para serem trabalhados diariamente, na rotina com seus alunos, como pode ser notado pelos relatos abaixo:

De acordo com o que eu estou trabalhando, com os projetos, com as atividades, com um tema que eu quero que seja trabalhado na sala de aula. (Entrevista, Ravera, 22/11/2018).

¹ Os participantes do grupo de estudo escolheram seus os nomes fictícios (cada um indicou o seu), baseado em um personagem de filme de animação e por se assemelhar a alguma característica sua, física ou traço de personalidade; já os demais envolvidos na pesquisa tiveram seus nomes selecionados por suas características mais percebidas subjetivamente pela pesquisadora.

Eu escolho de acordo com o tema que eu estou trabalhando naquela semana, se não achar eu passo de acordo com a preferência dos alunos. (Entrevista, Moana, 23/11/2018).

De acordo com o tema que eu estou trabalhando naquela semana, naquele mês. Às vezes são temas pré-definidos pela prefeitura ou percebo algum problema de comportamento, então busco um filme relacionado. Não quero dizer que nunca eu exibi um filme livre, porque tem os desenhos animados que eles gostam muito! (risos). Os filmes direcionados na grande maioria são mais curtos, então logo após procuro dar algo mais descontraído. (Entrevista, Mera, 23/11/2018).

Foi possível compreender as tentativas dos professores em estabelecerem conexões entre os filmes propostos e os conteúdos que estavam trabalhando em sala de aula. Nesse sentido, o cinema na escola era utilizado como recurso didático/pedagógico para ilustração de conteúdo ou de assuntos que precisam ser trabalhados em sala de aula, sendo imagens e sons que ensinam ou reforçam o que a criança precisa aprender na escola.

Franco (1993) discute que os filmes, independentemente de quais sejam, precisam ser escolhidos com direcionamento a alcançar objetivos, apropriando-os à faixa etária e às características da turma, condizentes com o ambiente escolar; também é preciso observar se contêm assuntos que as famílias podem discordar e se estão em consonância com o nível de conhecimento dos alunos, dentre outros aspectos.

Destaca-se que “não há limites na escolha dos filmes. Os mais adequados serão os que poderão proporcionar maior riqueza de discussão. O tema e a abordagem devem ser avaliados de acordo com a maturidade da classe e a natureza da matéria” (FRANCO, 1993, p. 29).

Nesse sentido, o educador “deve fazer-se um espectador especializado” (FRANCO, 1993, p. 30), ao usar o filme em sala de aula. Ele precisa ser o organizador e mediador capaz de promover o direcionamento de reflexões sobre os assuntos evidenciados e o problematizador de enredos, instigando sempre a participação dos seus discentes.

A pesquisa também viabilizou identificar que alguns docentes adotaram outras estratégias pedagógicas ao se trabalhar com o cinema em sala de aula, como as mencionadas nos excertos a seguir:

A professora fez um resumo do filme no início, como se introduzisse o que ocorreria na trama. Na hora da exibição assistiu com os alunos e por duas vezes fez pausas para conversar sobre o que estava acontecendo, fazendo interferências com perguntas direcionadas. Muitos alunos opinaram sobre as indagações. Ao final, fez uma roda para conversar sobre os episódios e compreensão do filme. (Observação, Tempestade, 19/10/2018).

Antes de começar a professora falou: – Lembram o que estamos estudando essa semana? Vamos assistir um desenho sobre o assunto. Quando terminou o filme conversou com os alunos sobre o que eles viram. (Observação, Cinderela, 18/10/2018).

Salientamos que os diálogos e as reflexões que aconteciam antes, durante e depois da exibição dos filmes infantis, foram presenciados algumas vezes nas práticas dos professores, durante a fase de observação em sala de aula, porém nas entrevistas alguns falaram que também o faziam. Embora abrangessem do mesmo modo a intenção de ilustrar os conteúdos.

O cinema também subsidia a socialização, sobre a qual Ferretti (1993, p. 109) se refere ao “processo pelo qual pessoas aprendem novos conhecimentos, formas de ver, agir e pensar, convenções, gestos, habilidades etc. que lhes permitem partilhar mais efetivamente da sociedade em que vivem”.

Educar é socializar, considerando o processo contínuo de formação e ensino aprendizagem. Acreditamos que a Educação tem como princípio básico a possibilidade de se fazer pensar, libertando o indivíduo do aprisionamento, muitas vezes imposto, favorecendo a transformação individual e coletiva, não negando a subjetividade ou a objetividade.

Esse processo de socialização acontece em diferentes ambientes, com diversificados rumos e interações, e o espaço sociocultural da escola não é diferente, sendo parte integrante do processo. Ferretti (1993, p. 112) menciona que no contexto escolar o filme “tende a ser visto como manifestação artística, com a qual as pessoas tomam contato livremente, por interesse ou lazer, consumindo-o como bem cultural”.

Assim, o cinema, por ser cultural, faz parte de um processo socializador “mesmo sem considerar o filme na sua forma e conteúdo. O simples fato de um professor, ou a escola como um todo, considerar e debater responsabilmente o uso do filme pela instituição constitui, em si mesmo, elemento de socialização” (FERRETTI, 1993, p. 144).

Diante dos argumentos expostos, é importante considerar que o cinema traz uma linguagem plural e característica, instituindo elementos que criam e produzem o espaço e as relações dentro dos discursos, potencializando inúmeros aprendizados por meio de sua linguagem cinematográfica.

Concordamos com Fernandes (2015) quando argumenta que:

[...] ao falar sobre o que o tocou, o que o marcou no filme, narradores e ouvintes não apenas trocam experiências, mas também as inventam e se inventam. Quem narra relata seu ponto de vista ou o que lhe chamou atenção no filme, constrói sua relação com o que foi visto na tela e cria significados para a própria experiência (FERNANDES, 2015, p. 105).

Nesse contexto, o filme configura-se como lugar de pensamento, pois o processo narrativo permite aos seus espectadores irem além das pretensões do diretor, não podendo ser mensurado, um cinema múltiplo e plural.

Perguntamos às supervisoras escolares sobre quais os objetivos do uso dos filmes nas salas de aula e obtivemos as seguintes argumentações:

Acredito que é para incluir o filme e um que seja visto previamente pelo professor, não pode ser um filme nem uma música que não seja conhecida pelo professor, porque corre o risco de estar levando para sala algo que não tenha objetivo pedagógico. Seria assim, quase um tapa buracos, então a importância do filme ela é grande em sala de aula, mas precisa ser muito bem escolhido, dentro da faixa etária da criança, com conteúdo e fala adequada a essa criança e que não fuja das propostas pedagógicas da escola. (Entrevista, Ariel, 21/11/2018).

Na minha concepção deveria ser para a prática educativa, mas tem muitos que usam para entretenimento mesmo e aproveitam para realizar outras tarefas. O professor aproveita para corrigir provas, fazer planejamento, diagnóstico, já vi muito isso acontecer. (Entrevista, Batgirl, 19/11/2018).

Usamos somente para entreter os alunos, a escola pede que seja realizada a exibição de filmes uma vez por semana. Procuramos exibir filmes de acordo com o que está sendo estudado na época, temas relativos a datas comemorativas como folclore, dia do soldado, dia da bandeira, independência do Brasil, mas acho que a escola deveria ter uma preocupação maior com a qualidade e variedade de filmes no acervo da escola. (Entrevista, Supergirl, 20/11/2018).

Destas entrevistas, depreende-se uma atribuição de relevância ao filme enquanto recurso pedagógico, porém reafirmando o fato de que a escolha requer um planejamento bem elaborado, levando em consideração: tema, idade, referencial teórico e outros elementos importantes para a construção do aprendizado. Ao mesmo tempo, afirmaram também que na prática, muitas vezes, acontece o contrário, os professores fazem uso dos filmes sem um planejamento prévio, ou seja, um fim em si mesmo: o entretenimento.

Ferretti (1993, p. 166), enfatiza que os filmes precisam ter uma finalidade e que “esta forma de utilização do filme raramente envolve uma preparação do público para se defrontar com a obra”. Além disso, as escolas não possuem condições adequadas de fruição fílmica, devido à falta de espaços específicos com boas condições para a exibição de imagens e boa captação dos sons, por isso as aulas com utilização da TV são improvisadas.

Consideramos extremamente pertinente a argumentação da diretora, de uma das escolas, ao mencionar como as ações dos docentes “devem” ser pensadas quando o assunto em questão faz referência ao cinema na escola e que o caminho “certo” precisa ser elucidado pelos educadores, que compete a eles apresentarem os filmes com contextos educativos, visto que estamos no ambiente escolar.

A fala seguinte foi categórica e resume como algumas das professoras participantes pensam e agem no que se refere ao uso dos filmes, quando destaca:

O filme na escola é um recurso didático, não é um passatempo, assim como a televisão, o computador, o celular. Eles entretêm as crianças e são dispositivos pedagógicos (...). É preciso formar pessoas para entender que as práticas dos professores precisam ter contexto, como o uso dos filmes, e é necessário mostrar o caminho, como procurar, como fazer. Os conteúdos, os eixos, os planejamentos precisam estar interligados. (Encontro Reflexivo, Fiona, 27/11/2018).

Percebemos que o cinema se faz presente na escola e nas salas de aula, porém a forma como ele é utilizado requer e postula novas reflexões, como exprime Fernandes (2015, p. 100), sendo importante a “experiência de entender o filme como aula e não como simples entretenimento. Entender que um filme pode ensinar tanto quanto uma leitura, aprendendo a ver e apreciar os filmes, sua linguagem, ampliando suas leituras, é parte dessa aprendizagem”.

Consideramos que não há nenhum problema de o cinema ser utilizado com essa intencionalidade, porém acreditamos que ele pode ir além. Acreditamos que qualquer filme é educativo, que todos ensinam, e que eles atuam na formação dos sujeitos, pois situam os diferentes espaços em que aprendemos, não se limitando ao ambiente escolar ou aos conteúdos que compõem o currículo.

Os lugares do cinema na escola

Admitimos que a cultura escolar ainda é permeada por conteúdos, matérias, os quais muitas vezes não se relacionam entre si e que delimitam objetivos prontos e acabados que precisam ser atingidos pelos alunos. O cinema na escola acaba rompendo essas restrições curriculares e, por ser cultural consegue transitar por todas as disciplinas, sendo considerado transdisciplinar.

Wortmann (2018, p. 244) menciona que os conhecimentos se contrastam, que não ficam em lugares pré-definidos que antes o continham e que “não pedem permissão à academia ou a quaisquer outras instâncias oficiais para expandirem-se socialmente, sendo, também, impressionante, a velocidade com que esses são colocados em circulação”.

Nesse sentido, o cinema na escola é imprevisibilidade sobre o que o aluno viu, ouviu, sentiu, movimentou, é baseado em conexões e desconexões, construções e desconstruções. Ele transita pela educação formal e informal, o que caracteriza o seu impacto potencializador na constituição humana.

Podemos dizer que o cinema na escola é indisciplinar, não se enquadrando aos conteúdos escolares nem aos que envolvem as questões comportamentais. Em outras palavras, quando tratamos de disciplinas podemos nos referir às matérias distribuídas no quadro de horários (disciplinas) e na conduta de bom comportamento. Neste viés, as imagens em movimento são indisciplinas, são conectividades.

Como afirma Chassot (2016, p. 181), é preciso se esforçar para deixar de lado as especializações, infringindo as barreiras da disciplina, propondo ações indisciplinadas, “há que romper os muros da disciplinarização – entenda-se como transgredir fronteiras e envolver-se em propostas transdisciplinares”.

O cinema “bagunça” nossa mente e, sendo impulsionador de devaneios, ele é pura indisciplina. E, por mexer com a nossa interioridade, ele reflete no nosso corpo, nos nossos gestos e atitudes, então materializa-se nas diferentes maneiras de pensar e agir, atuando na constituição humana.

Sendo assim, o cinema pode ser instrumento, objeto de conhecimento, em que o aluno aprende matérias específicas, bem como meio de expressão de emoções, pensamentos, comportamentos. Ou seja, consiste na possibilidade de sair das caixinhas fechadas de controle disciplinar e ir além, é conhecimento para a vida.

O cinema rompe o conhecimento fragmentado, considerando a incerteza no pensar e fazer científicos, de maneira multidimensional. Na conjuntura da mídia-educação, ele realiza muitos papéis. Fantin (2005, p. 2) enfatiza que “além de ser uma forma da cultura, são instrumentos de conhecimento, meio de comunicação de pensamentos, meio de expressão artística e formas de representação da história e do sujeito”.

Ela complementa que:

(...) considerar a televisão e o cinema como um meio, significa entender que eles atuam no âmbito da consciência do sujeito e no âmbito sócio-político-cultural, configurando-se num formidável instrumento de intervenção, de pesquisa, de comunicação e de

educação. No entanto, considerá-los como um meio, não significa reduzir seu potencial de objeto sociocultural a uma ferramenta didático-pedagógica destituída de significação social, pois sabemos que a experiência estética possui um importante papel na construção de significados (FANTIN, 2005, p. 2).

A educação para as mídias, conforme a autora, “não se reduz aos meios e seus aspectos instrumentais, pois elas não são ferramentas neutras e sim meios que produzem significados, isso deve estar claro nas mediações escolares”. (FANTIN, 2005, p. 3). Nesse contexto, é importante adotar uma postura crítica e reflexiva sobre as mídias interagindo com essas produções.

O cinema pode ser considerado em sua gama de pluralidades, pois ele move as pessoas e suas narrativas podem deslocar a relação professor-aluno para o processo de interação comunicativa. As histórias, os personagens e as músicas penetram no ambiente escolar e encantam o público, informam, mexem, agem, aguçam sentimentos, reflexões e saberes que ultrapassam as suas produções.

Fisher (2002) escreve sobre a mídia e seus modos de educar, enfatizando que as imagens constituem subjetividades. No trabalho pedagógico bem como em sua ampla variedade nos mostram como o professor trabalha com elas:

(...) insere-se justaente na tarefa de discriminação, que inclui desde uma franca abertura à fruição (no caso, de programas de TV, comerciais, criações em vídeo, filmes veiculados pela TV etc.) até um trabalho detalhado e generoso sobre a construção de linguagem em questão e sobre a ampla gama de informações reunidas nesses produtos, sem falar nas emoções e sentimentos que cada uma das narrativas suscita no espectador. Trata-se de uma proposta destinada, nos diferentes níveis de escolarização, a mergulhar na ampla diversidade de produção audiovisual disponível em filmes, vídeos, programas de televisão (...) (FISHER, 2002, p. 158).

Dessa forma, os audiovisuais têm produzido novos conceitos de cultura e arte podendo também auxiliar na prática pedagógica aos docentes em sala de aula. Fisher (2002) percebe a televisão como parte integrante e fundamental de complexos processos de veiculação e de produção de significações culturais, sociais e até didáticas, envolvendo os sentidos, os quais estão relacionados aos modos de ser, pensar, entender o mundo e interatuar com a vida.

Dessa forma, a linguagem cinematográfica no ambiente escolar pode contribuir para a formação do imaginário, enriquecendo as concepções de mundo e fantasias, disponibilizando um universo de possibilidades e particularidades para o desenvolvimento dos alunos. O cinema tem o poder de despertar inúmeros e diferentes olhares, além de potencializar as relações na escola.

Vislumbrando caminhos ao final

Cinema é arte, cultura, conexão e potência, que pode ser associado à produção científica, resultante de construções socioculturais, o que permite sua inter-relação nos vários conteúdos escolares, perpassando também por diferentes áreas de conhecimentos, pois oportuniza meditações, discussões e trocas de experiências a partir do campo da cinematografia na interface com a educação.

Assim, o cinema é compreendido como potência de construções socioculturais, valorizando vidas, pessoas, suas relações e a cultura. Nesse sentido, Wortmann (2018, p. 243) menciona que se faz necessário “admitir estarem codificados na episteme das teorias científicas aspectos como nacionalidade, gênero e raça, bem como consumo e propaganda, entre outros aspectos culturais”.

Torna-se importante situar que “as produções culturais midiáticas se constituem como instâncias que conformam e produzem representações de mundo (e as de ciência e muitas outras mais), (re)produzindo, (re)organizando e (re)inventando novas relações para elas” (WORTMANN, 2018, p. 245).

No ambiente escolar, o cinema é admitido sem muitas prerrogativas quando utilizado como um recurso metodológico fomentador da produção de conhecimentos, para ensinar, ilustrar ou reforçar o conteúdo planejado, contribuindo com o trabalho em sala de aula, tornando o assunto mais lúdico, atrativo e prazeroso para os alunos. Entretanto, é necessário compreender que ele transcende os currículos escolares, sendo indisciplinar.

Neste sentido, ele rompe com a “disciplinarização” na escola, perpassando todos os conteúdos, além das inúmeras conexões culturais e sociais. Assim, consideramos esses princípios para melhor aproximação do cinema com a escola, evocando o desafio que essa arte pode provocar, (des)ordenando os processos individuais e pedagógicos, a partir dos sentimentos, vivências e reflexões que proporciona aos seus espectadores.

Na escola o cinema se constitui como um ensejo para que os alunos conheçam e experimentem as mais diversas produções fílmicas, sendo também uma oportunidade de ampliar seu repertório cultural, sua criatividade e imaginação, dessa maneira, incidindo externamente ao currículo escolar, bem como sua reflexão contínua e crítica. São possibilidades de produções, interpretações, sentidos, significados, emoções e discussões, sendo um potencializador de relações e afetos. Por isso, ele toca as pessoas, desafiando com enigmas, provocando alegrias, tristezas, incertezas, conflitos, nos aproximando de nós mesmos e dos outros.

O cinema é uma construção estética, bem como um enunciado social. Também é fonte de humanização, criatividade e expressão. É singular e ao mesmo tempo plural, múltiplo. O cinema provoca, “mexe”, inquieta e nos faz pensar!

Referências

BARBOSA, Cristiano. **O espaço em devir no documentário**: cartografia dos encontros entre cinema e escola. 2017. 193 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2017.

CHASSOT, Ático Inácio. **Das disciplinas à indisciplina**. Curitiba: Appris, 2016.

FANTIN, Mônica. Novo olhar sobre a mídia-educação. In: 28ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação, 2005, Caxambu. **Anais** da 28ª Reunião Anual da ANPED, 2005.

FANTIN, Mônica. **Crianças, cinema e mídia educação: Olhares e experiências no Brasil e na Itália.** 2006. 399f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de Santa Catarina, Ilha de Santa Catarina, 2006.

FANTIN, Mônica. Mídia-Educação e Cinema na Escola. **Teias:** Rio de Janeiro, ano 8, n. 15-16, p. 1-13, 2007.

FERNANDES, Adriana Holfmann. A professora disse que hoje não vai ter aula e que é filme” – A obrigatoriedade de ver filmes e o cineclube como acesso formativo aos filmes: um desafio a partir da legislação. In: FRESQUET, Adriana (org.). **Cinema e Educação: A Lei 13.006 – Reflexões, perspectivas e propostas.** Belo Horizonte: Universo Produção, 2015, p. 99-107.

FERRETTI, Celso João. O filme como elemento de socialização na escola. In: **Coletânea lições com cinema.** São Paulo: FDE, Diretoria técnica, 1993.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (pela) TV. **Educação e Pesquisa,** v. 28, n. 1, p. 151-162, 2002.

FRANCO, Marília da Silva. A natureza pedagógica das linguagens audiovisuais. In: **Coletânea lições com cinema.** São Paulo: FDE, Diretoria técnica, 1993, v.1.

MIGLIORIN, Cezar. **Inevitavelmente cinema: educação, política e mafuá.** Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2015.

OLIVEIRA JÚNIOR, Wenceslao Machado de. Agências da imagem. Uma entrevista com o Professor Wenceslao Machado de Oliveira Junior. [Entrevista concedida em 08 de maio de 2016]. **Revista PerCursos.,** v. 17, n. 33, p. 162 - 175, 2016. Entrevistador: Marcelo Róbson Téo.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro; LARROSA, José; LOPES, José Miguel. Olhar a infância. In: TEIXEIRA, Inês; LARROSA, Jorge; LOPES, José Miguel (orgs.) **A infância vai ao cinema.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. A visão dos estudos culturais da Ciência. In: VOGT, Carlos; GOMES, Marina; MUNIZ, Ricardo (orgs.). **ComCiência e divulgação científica.** Campinas: BCCL/UNICAMP, 2018.

XAVIER, Ismail. Um cinema que educa é um cinema que (nos) faz pensar. Entrevista. **Educação & Realidade,** v. 33, n. 2, p. 13-21, 2008.